

Cara de ladrão: Um breve ensaio sobre desarticulações ao colonialismo a partir do conto As teorias do Dr. Caruru de Lima Barreto

Gabriel Reis Santos Alves¹

O PRESENTE ENSAIO NASCE DA ESCUTA ATENTA DE UMA DAS AULAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM Literatura e cultura da UFBA, na disciplina Seminários Avançados II, na qual o Professor Jorge Augusto Silva² palestrou, apresentando diversas engrenagens das suas concepções acerca das escritas e produções não coloniais e da desterritorialização europeia do corpo cultural negro. Através de tal debate sobre as desarticulações destas hegemonias históricas, surge o interesse pelas propostas, ações, pontos de vista e políticas diversas que contribuam para tal movimento. Ressurte-se deste modo a necessidade do conhecimento de obras empenhadas no desarmamento das epistemologias que moldam as produções e silenciam as vozes, subalternizando-as, e é por meio da leitura de obras do escritor Lima Barreto que se identificam muitas das asserções do Professor Jorge Augusto. Dentre tais obras, o conto “As teorias de Dr. Caruru” se destaca pela discussão levantada pelo autor, que encontra-se na tentativa de desmonte dos discursos cientificistas em relação às teorias raciais e na reverberação destes discursos na contemporaneidade, a partir da expressão fundada pelas teorias raciais “cara de ladrão” e de como as novas produções podem cunhar-se através de discursos não coloniais e pré-estabelecidos.

Lima Barreto, em seu conto “As teorias de Dr. Caruru”³ (1915), busca o confronto e a desarticulação das ideias modernistas estabelecidas pelo discurso cientificista moderno, promovendo uma reflexão a partir do embate das verdades impostas pelas teorias raciais através de fissuras que desestabilizam os conceitos e afirmações da ciência moderna, que se organizam dentro das perspectivas coloniais, direcionando geopoliticamente a produção de conhecimento em uma cosmovisão de referencial europeu e exclusivamente branco.

¹ Graduado em Letras — Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) em 2021, atualmente é mestrando pelo programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), inserido na linha de pesquisa “Documentos da memória cultural”, orientado pela Profa. Dra. Carla Dameane Pereira de Souza e aluno também do Bacharelado Interdisciplinar em Artes na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: gabrielreis288@gmail.com.

² Doutor em Literatura e Crítica da Cultura, pela Universidade Federal da Bahia — UFBA; Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia — UNEB; Especialista em Estudos linguísticos e literários — UNEB; Especialista em Análise do Discurso — Faculdades Integradas Olga Mettig; Especialista em Libras — Faculdade Dom Pedro II. Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador (2008). Compõe a coordenação do grupo de pesquisa Rasura-UFBA. É docente no Instituto Federal Baiano, no qual compõe a coordenação do NEABI/Itaberaba, e do grupo de pesquisa Perifa.

³ BARRETO, L. “As teorias de Dr. Caruru”. In: SCHWARCZ, L. M (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No conto de Lima Barreto percebe-se que o personagem principal, Dr. Caruru, se utiliza de teorias raciais para explicar o fulminante ataque sofrido pelo pintor Francisco Murga, morrendo repentinamente e ainda muito jovem, classificando-o como um dipsomaniaco e degenerado através de suas convicções científicas espelhadas nas práticas dos projetos de embranquecimento desenvolvidos pela ciências modernas, como a Fisiognomonia, que, fundada por Johann Kaspar Lavater em 1819, consistia em definir a personalidade das pessoas a partir dos seus traços fisionômicos, e da Frenologia, defendida por Franz Joseph Gall, que entendia a dedução das aptidões dos indivíduos pela produção das protuberâncias da caixa óssea craniana, definindo que cada parte do crânio expressasse as faculdades intelectuais e morais de um indivíduo.

Além dessas teorias, Dr. Caruru também adotava práticas particulares de suas asserções científicas que propunham a identificação dos indícios de intelecto e caráter dos indivíduos pelas características de todas as partes do corpo humano. Dessa maneira, Lima Barreto expõe através dos discursos de Dr. Caruru como age a atuação da universalização epistêmica europeia, que através do cientificismo determinista controla a produção de saberes e formação de verdades em prol da branquitude eurocêntrica, menosprezando, criminalizando e subjugando os corpos que não se encaixam nos padrões elegidos pelas teorias, métodos e experimentações da ciência moderna.

Cesare Lombroso, em sua teoria denominada Antropologia criminal, propunha conceitos que acionam a criminalização dos corpos não brancos e europeus através de características anatômicas regulares e padronizadas, estigmas estes que influenciaram o médico legista brasileiro Raimundo Nina Rodrigues em suas pesquisas e levantamentos, que expunham conceitos de raça em sentidos expressos pela medicina legal, marginalizando e considerando a negritude e o processo de mestiçagem como *degenerada*, defendendo também diversos conceitos da Eugenia empenhada por Francis Galton, em 1865, que propunham o controle social das civilizações através da classificação qualitativa dos indivíduos por suas respectivas raças, levantando a necessidade de certo melhoramento genético das populações *degeneradas* através de um processo de embranquecimento populacional, propondo a vários países o estabelecimento de políticas para o monitoramento das taxas de natalidade em prol da erradicação de futuras gerações das raças consideradas inferiores.

Em 1911, entre 26 e 29 de julho, o diretor do museu nacional brasileiro, João Batista Lacerda, representou o Brasil no Congresso Universal das Raças em Londres, apresentando sua tese que idealizava o projeto de embranquecimento do país durante o período de três gerações, onde em um século se extinguiria a raça negra e a mestiçagem do país, solidificando a higiene racial operada através das leis de segregação racial, tendo como principal ação a desaprovação dos casamentos de casais inter-raciais e, por conseguinte, seus filhos, frutos da relação. Lima Barreto, através de seu conto, consegue enfraquecer as verdades da ciência moderna, utilizando elementos reflexivos em sua escrita, pondo em contravenção os estigmas das teorias raciais ali encontrados por meio do revés em que se dá a noção de Semelhança, discutida por Jorge Augusto Silva, produzida pelo discurso defendido nos estudos do personagem Dr. Caruru.

A segunda formulação decisiva para o controle dos corpos e disciplinamento dos saberes, que a modernidade europeia pôs em funcionamento, no campo literário, foi a noção de *Semelhança* (origem). A metafísica cristã, dissimulada na racionalidade hegeliana, substituiu o *destino divino* pelo *Estado europeu como destino*. Se a história evolutiva, no cristianismo, levaria á uma terra nova, boa e justa, na filosofia de Hegel, o tempo da salvação havia chegado, e a terra prometida

era o Estado-Nação. Desse modo, todas as outras formas de organização social, possibilidades culturais e históricas estavam inscritas em uma inferioridade.⁴

Nota-se que Barreto utiliza-se da substituição por semelhança da ciência moderna por ela mesma em vieses defendidos pela medicina em sua prática clínica, colocando em questionamento um discurso que não se sustenta em seus próprios alicerces, levantando a inelegibilidade para o uso de tais teorias, pois não abarcavam um dos principais fundamentos epistemológicos da medicina, a hipótese. A partir de tal mecanismo discursivo, Lima Barreto constrói controvérsias científicas que são instituídas no sistema de opressão que se debruça no apelo construtivista de verdades absolutas.

Lima Barreto desta maneira instala entre a ciência moderna uma rachadura que permite o vislumbre do racismo desenvolvido nas propostas técnicas ali apresentadas, onde, para Peter P. Pelbart, para fazer visível outros pontos de vista e existências postas ao silêncio faz-se necessário o rompimento com as discordâncias diretas, cabendo ao discurso a implementação de si entre o agente silenciador, para instaurar ali a contradição, com isso produz-se um enorme abalo nas estruturas desenvolvimentistas da medicina cunhada nas teorias raciais, pois impõe a elas o lugar da dúvida em si mesmo.

Pois trata-se de instalar-se no entremodos, nos entremundos, nas passagens, transições, viradas, deslizamentos, cruzamentos, e reviravoltas de perspectiva, até mesmo nas negociações entre modos e mundo... É no entrecruzamento com tais modos de existência diversos, nos, entremundo, que algo poder gestado ou cuidado.⁵

Ainda que visível, a busca pela desestruturação dos discursos hegemônicos em textos como o conto de Lima Barreto abordado no presente ensaio, se faz necessária a produção plural de sobressaltantes metodológicos anticoloniais respaldados no intervencionismo das pré-disposições teóricas, permeadas metodologicamente por vias desconsideradas e não visitadas, para que o corpus de produção periférica se desloque e centrifugue-se a ponto da redesignação do discurso, mas não da escrita.

Nesse sentido um empreendimento crítico que investisse, em cartografar a produção de uma diferença colonial nas obras de autores como Lima Barreto, Luiz Gama, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus esbarraria na questão teórico-metodológica como empecilho dramático para sua realização. De antemão, um desafio se colocaria à sombra: como mapear a produção de uma diferença colonial, a partir de métodos criados para interditar sua aparição? Nossa hipótese é de que apenas um abalo no método, enquanto estrutura de funcionamento das epistemes coloniais e colonizadoras, pode abrir novos espaços de leitura para esses grupos de textualidades periféricas.⁶

⁴ SILVA, J. A. Anotações esparsas sobre literatura e método: o exemplo de Lima Barreto. In: SOUZA, A. L. et al. (org.) *Rasuras epistêmicas das (est)éticas negras contemporâneas*. II Seminário Rasuras, 2017, Salvador. Anais. Salvador: Edição Organismo e Grupo Rasuras, 2020, p. 125-132, p. 126. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wpcontent/uploads/2020/05/96062f_6b256fcf65bc47338c4a2b471de55f8b.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁵ PELBART, P. P. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. In: MAYO, N. E., BÉLTRAN, E. (org.). *Catálogo da 31ª Bienal de São Paulo — Como (...) coisas que não existem*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014, p. 250-265, p. 254.

⁶ SILVA, J. A. Op. cit., p. 126.

Uma das contribuições para o abalo estrutural das narrativas epistemológicas são as produções que alargam e fortalecem as discussões de diferenças coloniais, em prepostos viabilizados tanto pela emersão dos silêncios que gritam historicamente, quanto pelo reforço em múltiplas produtivas, reprodutivas e massificadas, para que se possa imperar nos espaços não somente pelas desarticulações, mas pela produção de instaurações rizomáticas que não somente se contraponham às epistemes de maneira objetiva, clara e direta, mas as traíam a partir de recursos circulares, que promovam a estes a dúvida sobre si mesmos, como tece Lima Barreto em seu conto.

Durante a autópsia efetuada pelo Dr. Caruru no corpo de Francisco Murga, identificou-se que o pé direito do falecido era maior que o esquerdo e, por esta imperfeição, o doutor classificou-lhe como um degenerado, porém, um servente que ali se encontrava e que conhecia o morto acaba explicando que a disparidade do tamanho dos pés tinha um motivo: se dava por um tumor que Murga já obtivera obrigando-o a utilizar chinelo num pé e sapato no outro, alterando o formato do pé que utilizava o chinelo por não estar dentro de um espaço limitante como uma forma, causada pela limitação espacial dos sapatos para com os pés, desmistificando o estigma de degeneração apresentado pelo doutor, enfraquecendo assim a sua ciência.

É a partir da afirmação do servente que Lima Barreto debate a teoria da ciência moderna, descaracterizando a verdade absoluta estabelecida por ela de que o morto seria um dipsomaniaco e degenerado, já que Murga não nasceu com os pés de tamanhos diferentes e que, por isso, não seria comprovada tal tese, compondo um caso clínico em que se debruça a medicina em sua mais pura hipotética de diagnóstico, à procura investigativa das causalidades que expunham características tão particulares daquele corpo marginalizado. Percebe-se também que, diferentemente das atribuições de má índole do doutor para com o falecido, o mesmo era muito querido e talentoso, ideias levantadas pelo conto de Barreto através das afirmativas do servente para contestar a suposta dipsomania, levantada pelo cientificismo ali exposto.

Desta maneira, Lima Barreto instala também tal desmonte através da linguagem, utilizando o pronome possessivo “Seu”, uma variação fônica da abreviatura do pronome de tratamento “Senhor”, usada de maneira cortês para com alguém que se deva ter respeito, apontando disparidades tórridas sobre o falecido no tratamento e acusações protagonizadas pelo Dr. Caruru. Além disso, logo no início do conto, no momento em que o Doutor lê seu jornal durante a manhã, parte da notícia revela que Murga era um pintor renomado, autor de obras primorosas e prestigiadas, além de premiadas, já que o noticiário informa também que o falecido já havia ganhado um premio chamado “viagem 278”, mas de nada interessava ao Doutor, para além de suas imperfeições corpóreas.

É sob esta ótica que se deve pensar nas articulações tracionadas pelo campo literário contemporâneo, onde a literatura deve empenhar-se no desnudamento dos corpos e de suas representações e identidades socioculturais, viabilizando através dos processos de escrita, uma investigação acerca da construção histórico-cultural de um povo. Por conseguinte, no contemporâneo, faz-se necessário emergir literaturas que interpelam a si a produção de identidade correlata aos processos sociais imbuídos aos mesmos, em função reparadora dos silenciamentos produzidos pelas hegemonias históricas que apagam e subjugam vozes consideradas menores pelo cientificismo europeu.

A produção de Literatura frente a tal apagamento traz consigo questionamentos acerca do que se faz ou não literário, já que a tais produções a partir de seus desenvolvimentos identitários esbarram diretamente no processo do tecer cultural e, a partir disto, pode-se tratar tais silenciamentos pela negação da identidade induzida

historicamente pela ausência da representatividade do corpo cultural, contida naquele considerado como menor, pelo seu desfavorecimento social diretamente ligado aos teceres da culturalização científico-europeia.

Segundo Dalcastagnè⁷, o controle dos discursos considerados menores é interpelado pela representação do outro, a modo da procura de delegar as identidades subalternizadas a um lugar de irrelevância em favor das hegemonias, que tecem aos entremeios da ação de representar, os argumentos de que tal movimento se faz justificável por certa eficácia social sustentada pelo discurso emitido, utilizando como aporte o ato de sobrepor estas subjetividades por outras vozes, que tomam seus lugares de fala, fazendo com que não haja representatividade mas sim uma dissimulação da realidade vivida por tais vozes subalternas que são silenciadas por tal representação.

Este processo é viabilizado pela uniformização destas identidades, apontadas por Canclini⁸, através dos procedimentos genéticos, que geram as subjetividades em sua ampla diversidade, um processo de unicidade identitária, reduzindo as diversidades dos sujeitos interculturais a uma única perspectiva e configuração, tratando tais subjetividades por vieses que excluem o diferente em prol da massificação do sujeito. Esta padronização das identidades submerge através dos sujeitos simulados, os fatores culturais acerca da construção de subjetividade do corpo enquanto único, pensando para além do bloco de compatibilidade que o mesmo se insira, mas numa desconstrução dos mergulhamentos sociais e discursivos no qual fora formada sua personalidade, muito através dos procedimentos genéticos e fatores sociocomunicacionais.

Tal articulação trazida por Canclini, traz a necessidade dos processos pós-desconstrutivos dos sujeitos periféricos para que se deixem de representar as vozes historicamente subalternizadas, a fim da legitimação de seus lugares de fala enquanto sujeito intercultural interseccionalizado, para que, por meio destes lugares, possa-se produzir possibilidades e oportunidades, por meio dos condicionamentos socialmente prepostos.

Se é que o especialista em estudos culturais, literários ou artísticos quer realizar um trabalho cientificamente consistente, seu objetivo final não é representar a voz dos silenciados, mas entender e nomear os lugares nos quais suas demandas ou sua vida cotidiana entram em conflito com os outros. As categorias de contradição e conflito estão, portanto, no núcleo deste modo de conceber a investigação. Não para ver o mundo de um só lugar da contradição, mas para compreender sua estrutura atual e sua dinâmica possível. Neste sentido, as utopias de mudança e justiça podem articular-se com o projeto dos estudos culturais, não como prescrição do modo pelo qual os dados devem ser selecionados e organizados, mas como estímulo para indagar sob quais condições (reais) o real pode deixar de ser a repetição da desigualdade e da discriminação, para converter-se em cenário de reconhecimento dos outros.⁹

A partir de tais construções discursivas, podemos notar os modos operadores que Lima Barreto atrela ao processo de revés dado à *semelhança* das epistemes que se apresentam na linguagem, no reconhecimento de valores, na medicina clínica e na indução de caráter, manipulada pelo agente do cientificismo, implicada no personagem principal em suas duvidosas teorias. Organizam-se, no empenho de lançamento da dúvida, o dilema ético, os mecanismos reflexivos extratextuais — já que Barreto constrói uma ambientação negacionista à qualidade de humano através das teorias do doutor, gatilhos mentais persuasivos, que estimulam o senso crítico de justiça por

⁷ DALCASTAGNÈ, R. O lugar de fala. In: DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado*. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17–18.

⁸ CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009, p. 187.

⁹ *Ibidem*, p. 207–208.

meio da difamação proposta ao falecido — e os fatores gramaticais para salientar a crueldade do processo de subalternização e silenciamento das vozes pretas que, em tempos atuais, por intermédio cultural da difusão destas ciências, têm seus perfis subjugados à “cara de ladrão”.

Entrepondo as engrenagens modelo fornecidas por Lima Barreto, questiona-se hoje, a partir das transversalidades de produções periféricas empenhadas no projeto decolonial literário, as maneiras, tracejos e territórios que mimetizam as formações de si pelas construções que fomentam as características da “cara de ladrão”, pois, entre lábios grossos, narizes achatados, cabelos crespos e braços fortes, abrem-se discussões que, fora de uma tradicionalidade produtiva, simplesmente fundam lugares que, entre os regimes epistemológicos, empenham novas territorialidades fundamentadas em reviravoltas de alternatividade impensadas por uma ótica convencionalizada.

Lima também levanta, através de suas posições discursivas, a figuração de cenas a serem refletidas semioticamente, à maneira em que se possa de fato figurar de forma teatral a ação paupável da realidade traçada pelo cientificismo, dando corpo ao campo imaginativo de seus leitores, elucidado pelo gênero conto. Desta maneira, se faz possível uma inversão das categorias inventivas de signos perpetrados na sociedade atual, que, em sua maioria, representam atualizações destes estigmas, como o exemplo do uso de bonés por sujeitos negros, que em certos lugares do país figuram ao corpo que usa tal objeto indumentário certa desconfiança e dúvida quanto ao seu caráter.

Tais signos ajudam no levantamento da figura marginal do sujeito negro no Brasil, como, historicamente, o cabelo *Black Power* representou e continua representando aos sistemas de controle *Necropolíticos*¹⁰ certa dissidência postural, tendo como tais figuras estas atualizações, propostas pelo autor em via contrária, reposicionando o olhar para quem pratica tais apontamentos e suas motivações, assim como no epípeto do doutor, tornando-o sujeito sem falhas ou quaisquer equívocos, predispondo não somente a um estudo sobre a formação característica dos olhares culturais que rodeiam a população negra brasileira, mas também intervindo na prática conceitual que tais empregos de significação operam, alargando suas disposições a ações intervencionistas sociais.

Segundo Sodré Muniz¹¹, o conceito de cultura é concebido em torno da concepção e produção de saberes europeus, que delegam cultura a povos considerados civilizados a partir de seu modelo próprio de organização social, descaracterizando as demais civilidades como válidas, sendo a partir da interlocução de se produzir cultura por meio de uma autonomia à hegemonia de humanidade, onde se possa produzir através da alteridade múltipla trazida por Agamben¹², na concepção da contemporaneidade por meio da interculturalidade e coabitação das várias identidades e representações possíveis, discutidas por Dalcastagnè¹³, pela prática de emergir a diversidade, descortinando o subalterno ao lugar de protagonismo de seu próprio lugar de fala.

O contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de

¹⁰ MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

¹¹ SODRÉ, M. Genealogia do conceito. In: *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 11–71.

¹² AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo. In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2013. p. 55–73.

¹³ DALCASTAGNÈ, R. Op. cit., p. 17–48.

transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de citá-la segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder.¹⁴

Diante de tais fatores apresentados, faz-se necessário a interjeição de projetos de pesquisa no cunho de seu papel desconstrutivo dos processos interseccionais e hegemônicos, submetendo ao estudo da subalternidade um novo olhar a cerca do mesmo, tirando-o do lugar especificamente colocado a tal engajamento, sendo que, para que o mesmo seja trazido a um novo protagonismo que visa tratar os processos de alteridade através da legitimidade em que se põe a identidade, tornando legítimos sua fala e seu lugar de fala em posicionamentos e arguições que pensem o modo cultural como um meio de interlocução e diversidade.

Desta maneira, a partir de Jorge Augusto Silva, podemos empenhar na literatura periférica o lugar da desterritorialização hegemônica, que se dá multiplicidade do corpo-linguagem, não se deve elevar as métricas dos formatos já postos de escrita, deve-se levantar para a discussão a encruzilhada.

O que está em jogo não é mais decidir se a literatura deve ser analisada como discurso ou ter dissecadas suas estruturas compositivas. A questão posta, agora, é que tanto uma quanto outra chave interpretativa não pode mais acionar um repertório crítico de base exclusivamente eurocentrada, pois a diversidade de obras produzidas contemporaneamente nas periferias dos centros hegemônicos deve ser acolhida por um repertório epistemicamente múltiplo e territorializado.¹⁵

Para isto, também deve-se assumir a “cara de ladrão” para estabelecer-se contemporaneamente adverso ao modernismo cientificamente culturalizado, agindo para que, nos pressupostos engatilhados por Lima Barreto, onde opera-se a territorialidade por si e pelo outro, rasgando com qualquer intervencionismo que acione o controle das vozes, possa-se jogar de maneira dupla, fazendo das rupturas das epistemes abalos que convençionem modos de vida esquivos aos silêncios. Segundo Stuart Hall, tais criações se potencializam pelos aspectos culturais da diferença, levando em conta o ato de renovar e reformular novos espaços sociais e políticos, afirmando que:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural.¹⁶

Estes acessos às vozes subalternizadas são tidos como ameaças para o projeto do embranquecimento europeu, pois tal ação proporciona, através do conhecimento étnico-racial, levantamentos que quebram os sintomas e verdades absolutas da ciência moderna, com a produção de representatividade e ocupação dos mais diversos espaços na sociedade, estabelecendo, assim, processos de reparação social e autoconhecimento.

¹⁴ AGAMBEN, G. Op. cit., p. 72.

¹⁵ SILVA, J. A. *Contemporaneidades periféricas*. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018, p. 49–50.

¹⁶ HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 338.

Referências:

- AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo. In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2013. p. 55-73.
- BARRETO, L. As teorias de Dr. Caruru. In: SCHWARCZ, L. M (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANCLINI, N. G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.
- DALCASTAGNÈ, R. O lugar de fala. In: DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado*. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48.
- HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- PELBART, P. P. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. In: MAYO, N. E., BÉLTRAN, E. (org.). *Catálogo da 31ª Bienal de São Paulo – Como (...) coisas que não existem*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014, p. 250–265.
- SILVA, J. A. Anotações esparsas sobre literatura e método: o exemplo de Lima Barreto. In: SOUZA, A. L. et al. (org.) *Rasuras epistêmicas das (est)éticas negras contemporâneas*. II Seminário Rasuras, 2017, Salvador. Anais. Salvador: Edição Organismo e Grupo Rasuras, 2020, p. 125–132. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/05/96062f_6b256fcf65bc47338c4a2b471de55f8b.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- SILVA, J. A. (org.). *Contemporaneidades periféricas*. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.
- SODRÉ, M. Genealogia do conceito. In: SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 11–71.

Recebido em: 28/04/2022

Aceito em: 10/09/2022